

O Michelet de Roland Barthes na revista *Esprit*

Fúvia Fernandes Pereira¹

Resumo

Antes de publicar seu livro de estreia, *Le degré zéro de l'écriture*, em 1953, Roland Barthes experimentou uma escrita de crítico-ensaísta em alguns periódicos da intelectualidade francesa, a exemplo dos jornais *Combat*, órgão da Resistência, e *L'Observateur*, e das revistas *Existences* e *Esprit*. Fundada por Emmanuel Mounier e dirigida por Albert Béguin, a *Esprit* acolheu Barthes em 1951, mantendo-o como colaborador até 1971. Entre 1951 e 1953, Barthes publicou, nas páginas da revista, seis textos. Ainda em 1951, nosso crítico escreveu um estudo sobre o historiador Jules Michelet, "Michelet, l'Histoire et la Mort", que seria recuperado e refundado em seu livro de 1954, *Michelet par lui-même*. Neste trabalho, faremos uma leitura desse texto para identificar algumas das permanências e transformações empenhadas por Barthes, ao recolher essas reflexões preparatórias e experimentais e ao organizar seu *Michelet*.

Palavras-chave: Roland Barthes; Revista *Esprit*; Jules Michelet.

Abstract

Before publishing his debut book, *Le degré zéro de l'écriture*, in 1953, Roland Barthes experimented with writing as a critic-essayist in some journals of French intellectuals, such as the newspapers *Combat*, organ of the Resistance, and *L'Observateur*, and the magazines *Existences* and *Esprit*. Founded by Emmanuel Mounier and directed by Albert Béguin, *Esprit* welcomed Barthes in 1951, and kept him as a contributor until 1971. Between 1951 and 1953, Barthes published six texts on the pages of the magazine. Still in 1951, our critic wrote a study on the historian Jules Michelet, "Michelet, l'Histoire et la Mort", which would be recovered and recast in his 1954 book, *Michelet par lui-même*. In this work, we will read this text in order to identify some of the permanencies and transformations undertaken by Barthes when collecting these preparatory and experimental reflections, and when organizing his *Michelet*.

Keywords: Roland Barthes; *Esprit* magazine; Jules Michelet.

¹ Mestra em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras, Assis (Unesp). Foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo n° 2021/08057-8. Estuda a obra de Roland Barthes. E-mail: fuvia.fernandes@unesp.br.

Introdução

A década de 1950 foi, para Barthes, um período de experimentação e preparação. Sua contribuição para revistas e jornais foi fundamental para que suas reflexões sobre a literatura, a crítica e as linguagens mais cotidianas entrassem nos debates do campo intelectual e literário e participassem do panorama cultural francês daqueles anos. A riqueza e a variedade da obra de Barthes, que ousava combinar e contrariar semiologia, marxismo, psicanálise, retórica, fenomenologia — só para ficarmos com alguns exemplos de linguagens que o acompanharam em diferentes momentos de sua crítica e de seu ensino —, são produto de uma leitura que tem por paradigma a literatura, que assinala a historicidade das formas assumidas por ela e está sempre às voltas com a responsabilidade da linguagem.

Nos primeiros anos de sua atividade crítica, que, da maneira que entendemos, tem início por volta de 1942 e se estende até a publicação de seu primeiro livro, *O grau zero da escritura*, em 1953, Barthes publicou na revista *Existences*² e no jornal *Combat*³. São também deste período suas primeiras contribuições para o jornal *L'Observateur*, fundado por Claude Bourdet e Gilles Martinet, antes, redatores do *Combat*, e para a revista *Esprit*, que aqui nos interessa particularmente.

Ao consultarmos a Gallica, biblioteca digital da Biblioteca Nacional da França e seus parceiros, encontramos digitalizados doze anos da revista *Esprit*: 1940, 1941 e de 1944 a 1953, somando 112 números, todos disponíveis para consulta. Percorremos esse material e encontramos seis contribuições de Barthes para a revista: “*Michelet, l'Histoire et la Mort*”, um estudo sobre o historiador Jules Michelet, de 1º de abril de 1951; “*À propos d'une métaphore*”, uma crítica política a propósito de uma metáfora do marxismo, publicado em 1º de novembro do mesmo ano; “*Jean Cayrol et ses romans*”, uma reflexão sobre a escrita do romance em Cayrol, de 1º de março de 1952; “*Le monde où l'on catche*”, um texto sobre o mundo do *catch*, espécie de luta livre muito popular na França na década de 1950, edição de 1º de outubro de 1952; “*Folies-Bergère*”, uma crônica em torno da casa de música parisiense *Folies Bergère*, de 1º de fevereiro de 1953; e “*Visages et figures*”, um estudo sobre a mitificação dos modelos estéticos, lançado também em 1953, na edição de 1º de julho. Com exceção de “*O mundo do catch*”, recolhido em 1957 nas *Mitologias*, as outras cinco contribuições não foram publicadas por Barthes, mas recuperadas e estrategicamente deslocadas em outros textos.

Fundada em 1932 pelo filósofo Emmanuel Mounier e por ele dirigida até 1950, a revista *Esprit* surgiu como um projeto ideologicamente influenciado pelo personalismo de Charles Péguy. Como um esforço de agrupar artistas e intelectuais engajados nas discussões sobre a crise do pós-Guerra, a direção política da revista passou por algumas metamorfoses. Ainda sob a direção de Mounier, o projeto

2 Revista da Associação dos Estudantes do Sanatório Saint-Hilaire-du-Touvet, instituição ligada à Universidade de Grenoble, onde Barthes passou uma temporada em tratamento por conta de uma tuberculose.

3 Órgão da Resistência francesa para o qual colaboravam escritores e artistas como Albert Camus, Pascal Pia, André Gide, Raymond Aron, André Breton e Maurice Nadeau.

buscava viabilizar um espaço de discussão e de divulgação de ideias filosóficas, políticas, econômicas e culturais; confrontar o intelectualismo da *Nouvelle Revue Française*, uma das revistas literárias mais consolidadas da França; propor uma terceira via, antifascista, mas sem se apoiar no comunismo; e defender a ideia de uma revolução espiritual. Como aponta Andy Stafford em *Roland Barthes, Phenomenon and Myth*:

*Em uma época em que cada um pregava suas cores políticas no mastro de uma determinada publicação, Barthes estava começando a escrever em uma variedade de periódicos diferentes. Embora fosse de esquerda, a prestigiosa revista católica Esprit não era de modo algum da mesma persuasão política ou ideológica de Combat ou France-Observateur.*⁴

A *Esprit* esteve, desde o início, ligada à casa editorial Seuil, que publicaria, tendo como diretor literário Albert Béguin, os primeiros livros de Barthes, *O grau zero da escritura*, de 1953, *Michelet*, em 1954, e as *Mitologias*, em 1957. A pequena editora também seria responsável pelas publicações posteriores de Barthes e pela organização de suas *Obras Completas*, em versão revista, corrigida e apresentada por Éric Marty. Por ocasião do precoce falecimento de Mounier, Béguin assume a direção da *Esprit* em 1950. Em abril de 1951, Barthes estreia na revista com “*Michelet, L’Histoire et la Mort*”.

O Michelet de Barthes

Os estudos sobre o historiador romântico Jules Michelet são um capítulo um pouco esquecido da trajetória barthesiana. Barthes se queixava por seu livro de 1954 não ter sido acolhido pela crítica. Segundo Éric Marty, “*Michelet* faz parte, provavelmente, da categoria *obras atrasadas*: pertence à época do sanatório, durante a qual Barthes leu e ‘fichou’ toda a obra de Michelet”.⁵ Mas se por um lado o livro foi negligenciado pelos críticos, por outro, o texto “*Michelet, l’Histoire et la Mort*”, publicado na *Esprit*, foi importante por demonstrar a flexibilidade crítica e temática que marcaria toda a obra de Barthes. Seu texto de estreia na revista seria em parte recuperado em 1954, especialmente em “Morte-sono e morte-sol”, figuras que Barthes utiliza para introduzir e dramatizar, em seu livro, a escrita historiográfica micheletiana.

De acordo com Claude Coste, ao ler as fichas de anotações de Barthes, ficaríamos surpresos ao descobrir que nosso crítico faz de *Michelet* seu livro preferido.⁶ Se é no

4 No original: “At a time when one nailed one’s political colours to a particular publication’s mast, Barthes was beginning to write in a variety of different journals. Though on the left, the prestigious Catholic journal *Esprit* was not at all of the same political or ideological persuasion as *Combat* or *France-Observateur*”. STAFFORD, A. **Roland Barthes, Phenomenon and Myth: An Intellectual Biography**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1998, p. 19, tradução nossa.

5 MARTY, É. **Roland Barthes: O ofício de escrever**. Tradução de Daniela Cerdeira. Rio de Janeiro: Difel, 2009. p. 126, grifos do autor.

6 COSTE, C. Os usos do fichário. Tradução de Amanda Martins Reis e Matheus M. Zico Oliveira Schröder. In: PINO, C. A. et al (orgs.). **Novamente Roland Barthes**. Natal: IFRN, 2018. p. 19. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1660/Novamente%20Roland%20Barthes%20-%20E-Book.pdf?sequence=8&isAllowed=y>. Acesso em: 25 set. 2024.

sanatório que a preparação do texto começa, será na *Esprit* que Barthes experimentará escrever sobre o historiador. A partir de “uma rede organizada de obsessões”⁷ — os temas perseguidos por Michelet e as inúmeras fichas de Barthes (pelo menos desde 1945, ele havia escrito e organizado milhares delas) —, a leitura barthesiana busca a estrutura de uma existência, a da obra micheletiana ou a de seu Michelet, e um caminho crítico pessoal, em que a análise possa rivalizar com a escrita.

“*Michelet, l’Histoire et la Mort*” aparece em 1º de abril de 1951 e abre a edição da revista. O texto de Barthes precede “*Sur la durée chinoise*”, de Henri Rohrer, e as rubricas “*Communautés*”, “*Journal à plusieurs voix*”, “*Chroniques*”, “*Les livres*” e “*Revue des revues*”. Esse texto, recuperado parcialmente em *Michelet par lui-même*, editado em 1954 pela Seuil, na coleção “*Écrivains de toujours*”, prefigura, segundo Marty:

[...] com as maiúsculas nas palavras História e Morte, o próprio livro, cujo tematismo (“Morte-sono e morte-sol”, “Flor de sangue”, “Sua Majestade a mulher”, “O ultra-sexo”...) fragmenta violentamente a obra de Michelet e confere ao livro uma intensidade existencial poética, em que a euforia da escritura se encontra em desarmonia com o estilo pedagógico da coleção do qual faz parte [...].⁸

Em seu escrito de estreia na *Esprit*, Barthes começa evocando Vico, tão caro a Michelet quanto o será para nosso crítico, porque, assim como e antes mesmo destes, o autor de *Scienza Nuova* propôs imagens não lineares para a História. Se a História, em Michelet, era acusada “de poesia, de paixão”,⁹ seus temas, que Barthes percorre dando-lhes o peso de uma voz, de uma morte social e ritual, serão tão poéticos e apaixonados quanto a visão histórica que lhes deu origem. Como defende Paule Petitier, na preparação do livro de 1954, “[...] fiel à letra do título da coleção (*Un tel par lui-même*)”, Barthes procede a uma leitura espelhada na qual, ao mesmo tempo em que ilumina o trabalho do historiador, ele também constrói uma figura de si mesmo, colocando-se como sujeito da escrita”.¹⁰

Entre a História e a Morte, a narrativa micheletiana é vista como uma *Passion*, no sentido sagrado — como na *Vulgata*, a Paixão é o último e, portanto, mortal ciclo do sofrimento de Cristo — e mundano do termo — há nela a paixão daqueles que fazem a História. Como escreve Barthes na *Esprit*, “Michelet sofre, luta, espera, dirige-se para o repouso de uma estação onde tudo será finalmente apreendido na imobilidade, onde esse tipo de condição, tanto ambulante quanto cercada, cairá

7 BARTHES, R. Michelet. In: BARTHES, R. **Œuvres complètes**. Tome I (1942-1961). Paris: Seuil, 2002, p. 293.

8 MARTY, op. cit., p. 127.

9 MICHELET, J. Préface de 1869. In: MICHELET, J. **Œuvres complètes de J. Michelet**. Tome IV. Paris: Flammarion, 1974, p. 23.

10 No original: “[...] fidèle à la lettre au titre de la collection (« Un tel par lui-même »), Barthes procède à une lecture en miroir dans laquelle, tout éclairant l’œuvre de l’historien, il construit aussi une figure de lui-même, se met en place comme sujet de l’écriture.” PETITIER, P. Le Michelet de Roland Barthes. **Littérature**, Paris, n. 119, p. 111-124, set. 2000, p. 111-112. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/litt_0047-4800_2000_num_119_3_1692. Acesso em: 25 set. 2024, tradução nossa.

dele e o deixará como possuidor e não mais como viajante da História”.¹¹ Para Barthes, o discurso micheletiano, ao adotar uma ordem geográfica e ao introduzir no tempo histórico uma dimensão vertical, profunda, cria um novo espaço para a História e uma nova forma de dizê-la: “o historiador passa então do modo da Paixão para o da Criação”.¹²

É também uma nova forma de dizer que Barthes está buscando. Desde seus primeiros textos no jornal *Combat*, nos quais lança suas reflexões sobre a escrita literária e propõe uma pequena introdução à história das formas literárias modernas, nosso crítico deseja criar uma nova região para a história e para a crítica que se ocupam das funções e da criação literárias. Em sua estreia na *Esprit* e, depois, em *Michelet por ele mesmo*, é um novo discurso para a História, afastado dos modelos tradicionais, que tanto interessa a Barthes, pois, para ele, além de uma nova forma discursiva, o historiador francês nos apresenta uma nova maneira de tratar as fontes. Barthes explicita em duas oportunidades que, em Michelet, os “documentos como voz, não como testemunho”¹³ ou legislação, são convocados a participar da narrativa. É o que neles mais se aproxima da vida e da carne que o historiador considera para sua narração, sendo a própria História um conhecimento da Morte e, assim, um corpo a ser entendido.

O corpo do texto, o corpo no texto

Há uma notável diferença entre o texto publicado na *Esprit* e o que dele fez Barthes em seu *Michelet*. A escrita do livro é bastante fragmentária, a que vemos em “*Michelet, l’Histoire et la Mort*” é mais contínua, o texto é composto de quatro partes separadas por um sinal diacrítico (~), mas não apresenta subtítulos. Apesar de conseguirmos pescá-los no texto, não experimentamos ainda a fragmentação dos temas que vamos encontrando, a partir da leitura de Barthes, na obra micheletiana. “*Le document comme voix*”, “*Vérité des hommes assassinés*”, “*Vivre la Mort*”, “*Mort-sommeil*”, “*Robespierre-Chat, Marat-Crapaud*”, “*Nausées*”, “*La Rose et le Taureau*”, alguns dos temas evocados em *Michelet par lui-même* sob as figuras “*Mort-sommeil et mort-soleil*”, aparecem na *Esprit*, mas sem ganharem, ainda, a forma de fragmentos. À maneira de suas produções mais tardias, como *Fragmentos de um discurso amoroso*, de 1977, o livro de 1954 é construído a partir de figuras anunciadas por uma pequena introdução ou argumento e desdobradas em temas.

Como explica Barthes, em seu livro não encontraremos “nem uma história do pensamento de Michelet, nem uma história de sua vida, muito menos uma explicação

11 No original : “*Michelet souffre, peine, espère, il se dirige vers le repos d’une station où tout sera enfin saisi dans l’immobilité, où cette sorte de condition, à la fois ambulante et environnée, tombera de lui et le laissera possesseur et non plus voyageur de l’Histoire*”. BARTHES, R. Michelet, *l’Histoire et la Mort*. *Esprit*, p. 497–511, Paris, 1º abr. 1951, p. 498. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k301701/f3.item>. Acesso em: 20 set. 2024, tradução nossa.

12 No original: “*L’historien passe alors du mode de la Passion à celui de la Création*”. Ibidem, p. 499, tradução nossa.

13 Ibidem, p. 508; BARTHES, 2002, p. 349.

de uma pela outra”.¹⁴ Da maneira que entendemos, na *Esprit*, sem nos advertir a respeito do que os leitores encontrarão no texto, Barthes indica a todo momento, ao mesmo tempo em que vai colhendo as figuras que Michelet mobiliza em sua narrativa, que seu interesse é o discurso, a linguagem micheletiana, não as raízes de sua história ou de sua biografia. No parágrafo inicial do texto de 1951, Barthes assinala que os momentos históricos privilegiados na obra do historiador são aqueles que, por serem “portadores de um nascimento”, também anunciam uma morte, e nomeia essa forma de compreensão de “História-Vegetação”. Ainda no parágrafo de abertura do texto lemos: “no discurso de Michelet, portanto, encontramos dois movimentos da planta, a sucessão e a propagação, dois objetos retóricos, a narrativa e o quadro”.¹⁵

O tratamento dos documentos como voz e não como testemunho é central na leitura que Barthes faz do discurso micheletiano. É a primeira temática derivada da figura “Morte-sono e morte-sol”, na qual a escrita barthesiana é iluminada e aquecida pelos temas colhidos na obra de Michelet. Sol, corpo, calor, quente, úmido são alguns dos significantes que Barthes utiliza para argumentar que, para Michelet, as raízes da verdade histórica estão na voz popular, na consciência coletiva, nos documentos orais, no que neles há de mais próximo do calor que os produziu. Além de condensar o texto publicado na *Esprit*, Barthes acrescenta em seu livro uma espécie de leitura sinestésica da obra de Michelet, que não vemos no texto de 1951, e escreve que “o historiador existe apenas para reconhecer um calor”.¹⁶

Na *Esprit*, o argumento de Barthes está concentrado na ligação entre a História e a Morte, em sublinhar a importância do corpo, palavra que evoca mais de vinte vezes, da carne das personagens históricas na escrita de Michelet:

A Tradição Nacional é confiável porque reintroduz na História a dimensão da carne, sem a qual não haveria História. A palavra coletiva de um povo transmite a imagem de seu passado muito melhor do que os escritos de seus mestres ou de suas testemunhas, porque essa palavra, acumulada de geração em geração, prolonga como uma vibração fiel o primeiro choque do evento sobre o corpo do povo. Assim, a carne sucessiva dos homens guarda o rastro obscuro dos acidentes da História, até o dia em que o historiador, como um fotógrafo, revela, por uma operação quase química, o que foi vivido antes. O historiador, portanto, não persegue

14 No original: “[...] ni une histoire de la pensée de Michelet, ni une histoire, de sa vie, encore moins une explication de l'une par l'autre”. BARTHES, 2002, p. 293, tradução nossa.

15 No original: “On doit donc retrouver, dans le discours de Michelet, deux mouvements de la plante, la succession et l'étalement, deux objets réthoriques, le récit et le tableau”. BARTHES, 1951, p. 498, tradução e grifos nossos.

16 No original: “L'historien n'existe que pour re-connaître une chaleur”. BARTHES, 2002, p. 349, tradução nossa.

*de forma alguma a organização retrospectiva do passado; ele olha para o ressurgimento de um mistério da vida.*¹⁷

Condensadas sob o tema “O documento como voz”, em 1954 essas ideias ganham uma nova configuração. Na maturação do livro, Barthes conjuga o corpo sobre o qual repousa o discurso micheletiano em estados de calor, de umidade:

*A Tradição Nacional é a melhor fonte do historiador; ela é, nos fatos dominantes, “muito séria, muito certa, de uma autoridade superior a todas as outras”. A voz popular transmite a Michelet uma memória mais calorosa e mais “vinculada” do que os escritos dos legisladores e das testemunhas. Por quê? É que a consciência coletiva é um condutor melhor do que a consciência “seca” (entenda: desarticulada, heterogênea) dos indivíduos (a menos que eles próprios sejam Povo, Herói, em outras palavras, plenitude, ambiente quente, úmido e, para dizer tudo, incubador).*¹⁸

Poderíamos ler essa postura que Barthes identifica em Michelet como uma maneira de estabelecer uma ligação entre a História e a Morte e de dar lugar, na memória universal da história, às vozes e aos atos que, antes, estavam dispersos, desarticulados na consciência dos indivíduos. Se os documentos são considerados por serem um “atributo da vida”, uma “remanência dos corpos passados”, como nos diz Barthes, é porque o historiador vê sua tarefa como um “sacerdócio”, ele é uma espécie de “historiador-sacerdote”¹⁹ que ritualiza e guarda o que estava incubado: a memória dos mortos.

Ainda na temática “os documentos como voz”, Barthes escreve que, em Michelet, “o documento oral é superior ao documento escrito, a lenda aos textos”.²⁰ Em 1951, lemos: “essa identidade profunda do mito e da História deriva do lugar central

17 No original: “*La Tradition Nationale est crédible, parce qu'elle réintroduit dans l'Histoire la dimension de la chair, sans laquelle il n'y a pas eu d'Histoire. La parole collective d'un peuple transporte l'image de son passé bien mieux que les écrits de ses maîtres ou de ses témoins, parce que cette parole, entassée de génération en génération, prolonge comme une vibration fidèle, le premier choc de l'événement sur le corps du peuple. Ainsi la chair successive des hommes garde la trace obscure des accidents de l'Histoire, jusqu'au jour où l'historien, comme un photographe, révèle, par une opération à peu près chimique, ce qui a été vécu auparavant, L'historien ne poursuit donc pas du tout l'organisation rétrospective du passé ; il regarde vers la résurgence d'un mystère de vie*”. BARTHES, 1951, p. 508–509, grifo do autor, tradução nossa.

18 No original: “*La Tradition Nationale est la meilleure source de l'historien; elle est, dans les faits dominants, « très grave, très certaine, d'une autorité supérieure à toutes les autres ».* La voix populaire transporte jusqu'à Michelet une mémoire plus chaude, plus « liée » que les écrits des législateurs et des témoins. Pourquoi ? C'est que la conscience collective est un meilleur conducteur que la conscience « sèche » (entendez : décousue, hétérogène) des individus (à moins qu'ils ne soient eux-mêmes Peuple, Héros, c'est-à-dire plénitude, milieu chaud, humide et, pour tout dire, incubant)”. BARTHES, 2002, p. 349, tradução e grifos nossos.

19 Ibidem, p. 349–350.

20 No original: “[...] *le document oral est supérieur au document écrit, la légende aux textes*”. Ibidem, p. 349; BARTHES, 1951, p. 508, tradução nossa.

dado ao corpo humano como a primeira e a última instância da verdade histórica”.²¹ Em “*Mort-sommeil et mort-soleil*”, Barthes escreve: “toda história repousa, em última instância, sobre o corpo humano”.²² Assim, a leitura barthesiana evoca, em *Michelet por ele mesmo*, o calor, a umidade, a vida que emana desse corpo e lhe dá uma significação materialista.

Apoiando-se nas proposições de Karl Marx na *Ideologia alemã*, referência que será fundamental em suas *Mitologias* e, de maneira geral, em sua tarefa de crítico da ideologia, a ideia de que “o primeiro pressuposto de toda a história humana é a existência de indivíduos humanos vivos”, que “o primeiro estado de coisas a ser observado é a organização corporal desses indivíduos e a relação que isso estabelece com toda a natureza”,²³ aparece timidamente em uma nota de rodapé, mas complementa, exemplarmente, a presença e a importância do corpo na leitura que Barthes faz de Michelet. Além de materialista, essa leitura é fenomenológica, pois o corpo é um objeto histórico sensível a todos os outros e a História se dá como uma história dos corpos.

Como escreve Petitier, “o corpo é o verdadeiro criptograma do texto [de Barthes] e, como tal, o que mantém o sentido vivo, solicitando incessantemente o desejo de interpretação”.²⁴ Destacando uma rede de temas colhidos na obra de Michelet e buscando descrever sua unidade, Barthes encontra ou deseja encontrar a coerência de seu objeto crítico e, para isso, apresenta-nos uma hermenêutica na qual o corpo a ser compreendido é o texto micheletiano, é um corpo escrito. Se o livro de 1954 começa pelas enxaquecas de Michelet, depois, em sua versão autoficcional ou encenação de “um tal por ele mesmo”, *Roland Barthes por Roland Barthes*, publicada em 1975, essas enxaquecas voltariam como fetichização de uma parte de seu próprio corpo, o interior de sua cabeça.²⁵ Afetado pela doença de Michelet, que tematiza em mais de uma oportunidade, é seu próprio corpo que Barthes faz passar pela escrita. O lugar do corpo, palavra-maná, é a *escritura*, o significante maior da obra barthesiana.

21 No original: “*Cette identité profonde du mythe et de l'Histoire provient de la place centrale qui est donnée au corps humain comme première et dernière instance de la vérité historique*”. BARTHES, 1951, tradução nossa.

22 No original: “*Toute l'histoire repose en dernière instance sur le corps humain*”. BARTHES, 2002, p. 353, tradução nossa.

23 No original: « *La première présupposition de toute l'histoire des hommes, c'est naturellement l'existence d'individus humains vivants. Le premier état de choses à constater, c'est donc l'organisation corporelle de ces individus et le rapport où cela les met avec toute la nature* » (Marx, *Idéologie allemande*). Ibidem, tradução nossa.

24 No original: “*Le corps est le véritable cryptograme du texte, et comme tel ce qui maintient le sens vivant, sollicitant sans cesse le désir d'interprétation*”. PETITIER, op. cit., p. 113, tradução nossa.

25 BARTHES, R. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2017, p. 141-142.

A história dos corpos e o conhecimento da Morte

Em “Viver a Morte”, mais um tema derivado de sua contribuição para a *Esprit*, Barthes indicará que toda a história de Michelet é um “cerimonial de aproximação da morte”, “um exorcismo”.²⁶ No texto de 1951, o crítico escreve:

*O fundamento da história é, portanto, em última instância, a morte carnal de milhões de homens. O historiador, o magistrado fúnebre, deve se aproximar o máximo possível dessa Morte. Ele deve viver a Morte, ou seja, ele deve amá-la; a esse preço, ele entrará com a Morte, com os mortos, em uma espécie de comunhão primária. Essa aproximação cerimonial da morte é toda a história de Michelet. A História é conhecimento da Morte na medida em que o historiador se identifica magicamente com ela. E essa abordagem é um exorcismo. A Morte torna-se o objeto necessário e suficiente da vida do historiador. Michelet devora os mortos, ele é um deles; ele faz a História, ele refaz a vida, portanto, ele possui a História, ele se apropria da Morte.*²⁷

Mas longe de cantar a morte para simplesmente fazer da História um grande túmulo, Barthes vê em Michelet uma vivacidade, um refazer contínuo das vozes do povo, dos heróis, que subordina os acontecimentos históricos a seu tema maior, a vida, como anuncia este oxímoro, “Viver a Morte”, tematizado no livro de 1954. Para Barthes, “na ressurreição micheletiana do passado, a morte é pesada. Ela não é nem paraíso, nem túmulo, ela é a própria existência dos mortos, mas sonhada, reconciliando nela os traços familiares (comoventes) da vida e o solene *conhecimento da morte*”.²⁸ Assim, a vida triunfando sobre a morte é o tema repetidamente evocado pela imagem da ressurreição ou de uma sucessão de ressurreições, porque, para Barthes, Michelet veste a morte com a substância da vida.

A História é também uma maneira de aprender sobre sua própria morte e, ao refazer a vida dos mortos, o discurso de Michelet, segundo Barthes, assimila e ultrapassa “a angustiante sucessão que opõe dois estados brutalmente contíguos”.²⁹ Se em *O grau zero* será com Mallarmé, Camus e Blanchot que Barthes encontrará

26 BARTHES, 2002, p. 351.

27 No original: “*Le fondement de l’Histoire est donc, en dernière instance, la mort charnelle de millions d’hommes. L’historien, le magistrat funèbre, doit s’approcher au plus près de cette Mort. Il doit vivre la Mort, c’est-à-dire qu’il doit l’aimer ; à ce prix, il entrera avec la Mort, avec les Morts, dans une sorte de communion primitive. Ce cérémonial d’approche de la Mort, c’est toute l’Histoire de Michelet. L’Histoire est connaissance de la Mort dans la mesure où l’historien s’identifie magiquement avec elle. Et cette approche est un exorcisme. La Mort devient l’objet nécessaire et suffisant de la vie de l’historien. Michelet dévore les Morts, il est l’un d’eux ; il fait l’Histoire, il refait la vie, donc il possède l’Histoire, il s’approprie la Mort*”. BARTHES, 1951, p. 510, grifo do autor, tradução nossa.

28 No original: “*Dans la résurrection micheletiste du passé, la mort est lourde. Elle n’est ni paradis, ni tombeau, elle est l’existence même du mort, mais rêvée, réconciliant en elle les traits familiers (touchants) de la vie et la connaissance solennelle de la mort*”. BARTHES, 2002, p. 351–352, tradução e grifos nossos.

29 No original: “[...] *la sécession angoissante qui oppose deux états brutalement contigus*”. BARTHES, 1951, p. 511, tradução nossa.

no silêncio, graças ao qual falamos, a possibilidade de escrever, em Michelet, ele descobrirá que se aproximar da morte, não a abolir de nossa história, é uma maneira de nos reconciliarmos com a vida. Em comunhão com a vida dada aos mortos, o historiador se nutre, bebe o sangue dos mortos para garantir que eles sobrevivam. Como atestam a figura “Michelet comedor de história” e os fragmentos que lhe seguem, Barthes tematiza a ideia de nutrição e de unidade na obra micheletiana porque, para ele, o historiador romântico, ao mesmo tempo, “percorre e engole”³⁰ a História, não para simplesmente a consumir, mas para a possuir, sendo sua escrita surgida da materialidade de seu corpo.

Segundo Petitier, Barthes “alimenta o sonho feliz de reconstituir a plenitude de Michelet no gesto paradoxal de livrá-lo desta ‘pele morta’ que pesa sobre a sua obra”.³¹ Em *Michelet por ele mesmo*, ainda no fragmento “Viver a Morte”, a leitura barthesiana aproxima o discurso historiográfico micheletiano de um ritual de assimilação, no qual o mundo é o alimento do historiador, o termo de um consumo.³² Na *Esprit*, Barthes escreve que esse discurso “é um vasto sistema de transformações, destinado a colocar a História como um contínuo vegetal, e não como uma extensão dialética. A causalidade desaparece em favor da identidade”.³³

No discurso micheletiano, toda uma linha de identidades está ligada a uma unidade, a que existe entre a morte e a vida e, como signo romântico, entre a natureza e o homem. Dotada de dois termos e de uma direção, em Michelet, “a História é encontrada *consumida*, isto é, por um lado, acabada, realizada e, por outro lado, devorada, ingerida, capaz de ressuscitar o historiador”.³⁴ No discurso de Michelet, o tempo é linear e profundo, sustenta um contínuo de identidades e recebe cada objeto histórico como momentos diferentes de uma mesma progressão, de uma mesma e longa enunciação que tem por essência original a ressurreição do passado.

No livro de 1954, as figuras “Morte-sono e morte-sol” evocam a Morte como o objeto necessário do historiador. Mas para revelar “o estilo de uma existência”³⁵ e o sentido da história, é do lado da clareza que Michelet instalará seus objetos históricos e evidenciará suas significações. Sob o tema “Uma morfologia de tecidos”, Barthes escreve:

A corrupção dos corpos é uma garantia de sua ressurreição. Portanto, o fim da história é encontrar em cada carne do passado o

30 BARTHES, 2002, p. 304.

31 No original: “*Il nourrit le rêve heureux de reconstituer la plénitude de Michelet dans le geste paradoxal de le délivrer de cette « peau morte » qui pèse sur son œuvre*”. PETITIER, op. cit., p. 124, tradução nossa.

32 BARTHES, 2002, p. 351.

33 No original: “[...] *est un vaste système de transformations, destiné à poser l'Histoire comme un continu végétal, et non comme une extension dialectique. La causalité disparaît au profit de l'identité*”. BARTHES, 1951, p. 500, tradução nossa.

34 No original: “*L'Histoire s'est trouvée consommée, c'est-à-dire d'une part, terminée, accomplie et, d'autre part, dévorée, ingérée, propre à ressusciter l'historien*”. BARTHES, 2002, p. 307, grifo do autor, tradução nossa.

35 Ibidem, p. 352.

*elemento corruptível por excelência, não o esqueleto, mas o tecido. A antropologia de Michelet é uma antropologia de humores, não de formas. No homem histórico, vamos ao mais frágil, deixemos a expressão, os traços, e encontremos a substância corruptível e mortal, a cor do sangue, a densidade dos tecidos, a textura da pele, tudo o que desmorona e escorre no caixão. Não espere-mos encontrar no Robespierre ou no Napoleão de Michelet, homens-princípios: isso seria dar crédito demais à sua imortalidade; para serem presas da História, é preciso que esses homens morram, e que já em sua vida sejam marcados por uma qualidade essencial e frágil, por um humor todo sanguíneo, isto é, alterável, já fúnebre.*³⁶

Tanto nos momentos preparatórios da história francesa, que para Michelet vão até a Revolução, quanto após esse “evento mitológico”,³⁷ uma moralidade do humor se instala na narrativa. Serão os corpos que povoaram a História, como aquilo que os diferencia, sua integração moral, sua linguagem e seus humores, aquilo que lhes dá uma unidade e os localiza historicamente, que o discurso micheletiano mobilizará em seu retrato das personagens históricas. Mas diferentemente do retrato clássico, o historiador “descreve uma compleição e não uma anatomia”.³⁸ Em “*Michelet, l’Histoire et la Mort*”, Barthes explicita que “se Michelet redescobre a densidade carnal da personagem, nem que seja por uma simples lembrança da substância (São Tomás, grande boi mudo da Sicília), a História recupera toda a sua densidade e retorna às dimensões da poesia”.³⁹

Acusado de poesia e de paixão, Michelet rompe com o discurso historiográfico clássico e busca para cada personagem histórica uma tez e um adjetivo únicos, criando “Retratos-rébus”, como atesta um dos temas que Barthes deriva da obra micheletiana. Em sua narrativa, Michelet nos faz associar um corpo a um humor, um julgamento físico à vida social: Robespierre e François de Charette são gatos, Jean-Paul Marat, um anfíbio, Maria Luísa de Áustria é uma rosa, seu marido, Napoleão Bonaparte, um touro. Como escreve Barthes na *Esprit*, “é assim que os corpos são ressuscitados, quando das profundezas da História eles ainda podem desagradar, engajar o historiador – e seu leitor – em uma repulsa íntima, de ordem

36 No original: “*La corruption des corps est un garde de leur résurrection. Donc la fin de l’histoire, c’est de retrouver dans chaque chair du passé l’élément corruptible par excellence, non pas le squelette mais le tissu. L’anthropologie de Michelet est une anthropologie d’humeurs et non de formes. Dans l’homme historique, allons au plus fragile, laissons là l’expression, les traits, et retrouvons la substance corruptible et mortelle, la couleur du sang, la densité des tissus, le grain de la peau, tout ce qui s’effondrera et s’écoulera au cercueil. Qu’on ne s’attende pas à trouver dans le Robespierre ou le Napoléon de Michelet, des hommes-principes : ce serait là trop accorder à leur immortalité ; pour être proies de l’Histoire, il faut que ces hommes meurent, et que déjà dans leur vie ils soient marqués d’une qualité essentielle et fragile, d’une humeur toute sanguine, c’est-à-dire altérable, déjà funèbre*”. BARTHES, 2002, p. 353, tradução nossa.

37 BARTHES, 1951, p. 502.

38 No original: “[...] *il décrit une complexion et non une anatomie*”. BARTHES, 2002, p. 355, tradução nossa.

39 No original: “[...] *si Michelet retrouve l’unité charnelle du personnage, ne serait-ce que par un simple rappel de la substance (saint Thomas, grand bœuf muet de Sicile), l’Histoire reprend toute sa densité et retourne aux dimensions de la poésie*”. BARTHES, 1951, p. 505, tradução nossa.

vegetativa ou existencial”.⁴⁰ É pelo humor que as criaturas micheletianas podem viver e provocar em nós os sentimentos mais íntimos. Por uma espécie de transferência mágica, o historiador poderia, assim, reconhecer seu calor.

Como assinala Durval Muniz de Albuquerque Júnior ao tratar do pioneirismo de Barthes em *Michelet*, “a escrita é o gesto de um corpo, parte do movimento de uma dada carne, com seus sofrimentos, com suas dores, com seus males, mas também com seus prazeres, com suas alegrias, com seus desejos, com suas emoções e comoções”.⁴¹ Essa forma de pensar a História encarna e materializa, conforme a leitura barthesiana da obra de Michelet, uma escrita que tem por fundamento o corpo e, ao lado dessa corporeidade, invoca uma moral que é toda ela baseada no humor das personagens históricas. É estabelecendo o contato dos corpos humanos que fazem a História, é despertando os mortos de seu sono profundo e dando-lhes uma morte iluminada, solar, que o historiador poderá conhecer sua história e narrar sua vida.

Preparação e experimentação crítica

Como aponta Petitier, do ponto de vista de sua gênese, podemos considerar *Michelet* como a primeira obra de Barthes.⁴² Mesmo que *O grau zero*, publicado em 1953 e derivado de artigos escritos para o jornal *Combat* entre 1947 e 1951, seja sua obra de estreia, os estudos sobre o historiador francês, seu estilo e sua escrita, guardaram, pelo menos desde 1942, o interesse de nosso crítico. Sendo uma obra de “longa maturação”,⁴³ o *Michelet* de Barthes ensaiou sua primeira aparição na *Esprit*. Ligada à editora Seuil, à qual Barthes confiaria a publicação de seus livros, e nascida da Resistência, assim como o *Combat*, a revista acolheria o novo crítico. Na figura de Albert Béguin, diretor literário da casa editorial e responsável pela *Esprit* a partir de 1950, Barthes seria convidado a colaborar para a revista e nela publicaria seu primeiro texto sobre Michelet.

O texto “*Michelet, l’Histoire et la Mort*”, como vimos, abre a edição da *Esprit* de 1º abril de 1951, lugar de honra para um crítico iniciante. A leitura do conjunto de correspondência entre Barthes e os editores da Seuil, Béguin e Jean Cayrol, que, ao lado de Maurice Nadeau, foram os primeiros grandes leitores e editores de seus textos,⁴⁴ mostra-nos que Béguin desejava incluí-lo entre os colaboradores de sua revista, pois havia ficado impressionado ao ler os textos que Barthes escreveu para

40 No original: “C’est ainsi que les corps sont réssuscités, lorsque du fond de l’Histoire, ils peuvent encore dégoûter, engager l’historien – et son lecteur – dans une répulsion intime, d’ordre végétatif ou existenciel”. BARTHES, 1951, p. 506, tradução nossa.

41 ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. A mobilização das carnes: história, desejo e política ao rés dos corpos. *Hist. Historiogr.*, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1-21, 2005, p. 15. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/2005/1025>. Acesso em: 25 set. 2024.

42 PETITIER, op. cit., p. 111.

43 Ibidem.

44 BARTHES, R. *Album*: Inédits, correspondances et varia. Édition établie et présentée par Éric Marty. Paris: Éditions du Seuil, 2015, p. 106.

o jornal *Combat*. Seis meses antes de nosso crítico estrear na *Esprit*, Béguin lhe escreve uma carta:

Esprit, 2 de outubro de 1950

Senhor,

Eu gostaria muito de entrar em contato com você e, se possível, convencê-lo a colaborar com a Esprit. Seu artigo do ano passado sobre o grau zero realmente me impressionou, e desde então eu desejei conhecê-lo.

Desculpe-me por expressar esse desejo a você somente hoje, e para vos solicitar.

*Albert Béguin.*⁴⁵

Em *Album*, edição recolhida e apresentada por Éric Marty, além dessa primeira tentativa de contato, encontramos mais quatro cartas de Béguin a Barthes. Duas delas, escritas em janeiro de 1951, são anteriores à aparição do artigo sobre Michelet na *Esprit*. No fim desse mesmo ano, Béguin lhe envia uma apreciação bastante exultada de “*Jean Cayrol et ses romans*”, texto que Barthes publicaria na edição da revista de 1º de março do ano seguinte. Em 7 de setembro de 1952, um mês antes de lançar o que seria a primeira de uma série de crônicas de desmontagem semiológica, textos que dariam origem ao famoso livro de Barthes, *Mitologias*, de 1957, Béguin agradece ao amigo por ter lhe enviado “*Le monde où l'on catche*”, ensaio que, segundo o editor, era “exatamente o tipo de texto literário que gostaria de publicar na *Esprit*, páginas em que a escrita mais confiante expressa uma reflexão sobre fatos humanos extraídos de sua banalidade, aprofundados, situados”.⁴⁶

Béguin escreve a Barthes em 16 de janeiro de 1951. Aparentemente, nosso crítico ficou de lhe enviar um texto sobre Michelet. Nessa carta, o editor aproveita para solicitar a ajuda de Barthes em um projeto conjunto de reflexão sobre a crise da linguagem, que imaginamos estar na origem das crônicas que sairiam na *Esprit*, assim como dariam início à publicação das pequenas mitologias barthesianas:

16 de janeiro de 1951

Caro Senhor,

Eu estou muito atrasado com você, perdoe-me, mas eu gostaria muito que você me mostrasse as páginas sobre Michelet que mencionou. E eu também gostaria, a curto ou longo prazo, de iniciar na revista uma reflexão conjunta sobre a crise da linguagem (não apenas literária, mas comum), e aí eu precisaria muito de você.

45 No original: “*Esprit, le 2 octobre 1950 / Monsieur, / J'ai aimerais bien prendre contact avec vous et, si possible, vous convaincre de collaborer à Esprit. Votre article, l'an dernier, sur le degré zéro m'avait vivement frappé, et dès lors j'avais désiré vous connaître. / Excuse-moi de ne vous témoigner ce désir qu'aujourd'hui, et pour vous solliciter. / Albert Béguin*”. BARTHES, 2015, tradução nossa.

46 No original: “[...] exactement le type de texte littéraire que je voudrais publier dans *Esprit*, c'est-à-dire des pages où l'écriture la plus sûre exprime une réflexion sur des faits humains tirés de leur banalité, approfondis, situés”. *Ibidem*, p. 108, tradução nossa.

*Então, tente me visitar, telefonando com antecedência,
E acredite no seu*

*Albert Béguin.*⁴⁷

Depois de receber o texto sobre o discurso de Michelet, em 31 de janeiro de 1951, Béguin escreve que as páginas de Barthes sobre o historiador “são realmente admiráveis, de pensamento, de visão, [ele] deveria dizer — como de escrita. E [que] seria mais do que feliz, orgulhoso, de publicá-las na *Esprit*”.⁴⁸ Ainda nessa carta, o editor tenta seduzir (as palavras são dele) nosso crítico a colaborar frequentemente para a *Esprit*, pois imagina que textos como os de Barthes “sinalizarão, aos olhos dos melhores leitores, uma vontade de elevar o nível da revista”.⁴⁹ Uma leitura desse material, que infelizmente não inclui nenhuma resposta de Barthes a Béguin, pode nos dar uma ideia do processo que fez de nosso crítico uma figura relevante nos debates de seu tempo. As revistas e os jornais foram, para Barthes, um espaço de preparação e de experimentação crítica e significaram sua entrada nas discussões sobre a linguagem, a literatura, seus entornos, e sobre o discurso, dentre eles o da História.

Defendendo a hipótese de que o intertexto necessário para analisar *Michelet por ele mesmo é Roland Barthes por Roland Barthes*, de 1975, Petitier nos lembra que nosso crítico pensava em dedicar sua tese de doutoramento aos estudos da obra de Michelet, sob a orientação de René Pintard, em 1946.⁵⁰ A tese, nunca defendida, deu origem ao artigo “*Michelet, l’Histoire et la Mort*” e foi transformada em livro em 1954, pois ensaiava um discurso crítico que destoava bastante do tom acadêmico e apresentava uma leitura inovadora e bem particular da escrita micheletiana. Chamando atenção para um quadro de intertextos, de significantes que atraíram diferentes momentos de sua escrita e de seu ensino, em sua versão de “*un tel par lui-même*”, Barthes escreve que sua obra é composta, primeiramente, de “*intervenções (mitológicas), depois ficções (semiológicas), em seguida estilhaços, fragmentos, frases; entre os períodos, evidentemente, há encavalamentos, voltas, afinidades, sobrevivências; são em geral os artigos (de revista) que assumem esse papel conjuntivo*”.⁵¹

47 No original: “*Le 16 janvier 1951 / Cher Monsieur, / Je suis très en retard avec vous, pardonnez-moi mais j’aimerais bien que vous me montriez ces pages sur Michelet dont vous me parlez. Et puis, j’aimerais aussi, à brève ou longue échéance, amorcer dans la revue une réflexion à plusieurs sur la crise du langage (non seulement littéraire, mais commun), et là j’aurais grand besoin de vous. / Tâchez donc de venir me voir, en téléphonant d’avance, / Et croyez-moi vôtre, / Albert Béguin*”. BARTHES, 2015, p. 107, tradução nossa.

48 No original: “[...] *sont proprement admirables, de pensée, de vision, faudrait-il dire – comme d’écriture. Je serai plus qu’heureux, fier, de les publier dans Esprit*”. Ibidem, grifo do autor, tradução nossa.

49 No original: “[...] *marqueront, aux yeux des meilleurs lecteurs, une volonté de relever le niveau de la revue [...]*”. Ibidem, tradução nossa.

50 PETITIER, op. cit., p. 111.

51 BARTHES, 2017, p. 162-163, grifos do autor.

Deixando-se acompanhar por Michelet, ao qual dedicou anos de estudo, um dos poucos escritores que nosso crítico diz ter lido inteiramente, Barthes vê o fato histórico precedido pela linguagem, sendo esta a sua principal preocupação e a literatura, seu paradigma. Com seu Michelet, nosso crítico busca a ressurreição moderna do passado, a poesia, a paixão, o corpo que não cansa de se inscrever na *escritura*, a escrita do escritor, aquilo que Béguin viu nos textos de Barthes, o significante que o perseguiria por toda sua atividade crítica.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. A mobilização das carnes: história, desejo e política ao rés dos corpos. *Hist. Historiogr.*, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–21, 2005. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/2005/1025>. Acesso em: 25 set. 2024.
- BARTHES, R. **Album**: Inédits, correspondances et varia. Édition établie et présentée par Éric Marty. Paris: Éditions du Seuil, 2015.
- BARTHES, R. Michelet, l'Histoire et la Mort. *Esprit*, Paris, 1º abr. 1951, p. 497–511. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k301701/f3.item>. Acesso em: 20 set. 2024.
- BARTHES, R. Michelet. In: _____. **Œuvres complètes**. Tome I (1942-1961). Paris: Seuil, 2002. p. 291–447.
- BARTHES, R. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 2a ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.
- COSTE, C. Os usos do fichário. Tradução de Amanda Martins Reis e Matheus M. Zico Oliveira Schröder. In: PINO, C. A. et al (orgs.). **Novamente Roland Barthes**. Natal: IFRN, 2018. p. 16-36. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1660/Novamente%20Roland%20Barthes%20-%20E-Book.pdf?sequence=8&isAllowed=y>. Acesso em: 25 set. 2024.
- MARTY, É. **Roland Barthes: O ofício de escrever**. Tradução de Daniela Cerdeira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- MICHELET, J. Préface de 1869. In: _____. **Œuvres complètes de J. Michelet**. Tome IV. Paris: Flammarion, 1974. p. 11-23.
- PETITIER, P. Le Michelet de Roland Barthes. *Littérature*, Paris, n. 119, p. 111-124, set. 2000. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/litt_0047-4800_2000_num_119_3_1692. Acesso em: 25 set. 2024.
- STAFFORD, A. **Roland Barthes, Phenomenon and Myth: An Intellectual Biography**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1998.